

Maksoud quer engenharia desenvolvida

Lamentando a interferência de empresas estrangeiras em projetos que poderiam ser perfeitamente desenvolvidos por firmas nacionais, "o que corta o desenvolvimento da engenharia brasileira, onerando nossa posição cambial", o empresário Henry Maksoud, do *Grupo Visão*, deu prosseguimento ontem ao ciclo de Conferências da UnB, discorrendo sobre o tema "Consultoria de Engenharia".

Após definir a engenharia consultiva como setor "que abrange os serviços da área econômica, de pré-investimento ou de planificação e viabilização de projetos", Maksoud voltou a abordar o problema nacional:

— É preciso que o país se lance à pesquisa e ao desenvolvimento tecnológico, para os quais o Governo deve contribuir com recursos financeiros a fundo perdido, numa verdadeira função do Estado. E também que utilize plenamente as firmas de engenharia consultiva, além de facilitar o aperfeiçoamento de processos industriais, via financiamentos a longo prazo, a juros baixos ou nulos.

Apesar de todos os seus problemas, para Maksoud a engenharia consultiva nacional tem crescido nos últimos anos, tendo mais de 100 empresas, de todos os portes e qualificações.

— As perspectivas de desenvolvimento dessas empresas se confundem com as do próprio futuro do Brasil.

Entre os muitos elementos que caracterizam a função de engenharia consultiva estão a absorção e desenvolvimento do *know-how*, através de elaboração de projetos adequados às peculiaridades do país, o estímulo aos centros de pesquisas básicas e tecnológicas e a redução da dependência nacional em relação aos centros de desenvolvimento tecnológico no exterior. Maksoud lembrou ainda o ciclo vicioso enfrentado pela engenharia consultiva nacional: não merece confiança por não ter experiência e não recebe encargos, exatamente por falta de experiência.

Na segunda parte do Ciclo de Conferência — definida pelo reitor José Carlos Azevedo "como uma maneira de se trazer o debate para dentro da universidade, através das pessoas mais responsáveis do país" — Maksoud deteve-se nas questões político-econômicas. Para ele, a nossa sociedade não parece ter ainda uma noção correta do significado da democracia.

— O brasileiro, em geral, tende a abrigar-se sob o manto governamental, e só reivindica a fatia de liberdade que lhe interessa.

E continuou:
— O sistema de livre empresa é maliciosamente confundido com a idéia do poder econômico descontrolado que só visa ao lucro, monosprezando os problemas da pobreza e do bem estar da massa popular. Daí decorre a pregação marxista (e suas resultantes neuróticas) de que a economia deva ser controlada pelo Governo e, portanto, transferida das mãos dos empresários privados para o Estado.

Para Maksoud, só haverá democracia quando as fontes principais de riqueza econômica estiverem ligadas à livre iniciativa. A participação do Governo pode caber nas atividades-fim, nunca nas atividades-meios, onde deveria ser fortalecida a empresa privada.